



ISSN: 2175-5493

XI COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

14 a 16 de outubro de 2015

AS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS DOS ALUNOS DO V SEMESTRE NA ESCOLA ESTADUAL ABDIAS MENEZES EM VITÓRIA DA CONQUISTA – BAHIA

Acssuelde Sousa Lisboa*

Nádia de Sousa Silva**

Vagner Alves da Silva***

Andrecksa Oliveira Sampaio****

RESUMO

O presente artigo é fruto de uma pesquisa que tem como objetivo vivenciar a experiência adquirida em sala de aula por intermédio do estágio supervisionado. Esse estudo será desenvolvido a partir das narrativas de três alunos do curso de licenciatura plena em Geografia, da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia- UESB-sobre as experiências das vivências didáticas no V semestre, realizadas no Colégio Estadual Abdias Menezes. O estágio supervisionado é um componente importante na formação docente, no qual o licenciando colocará em prática a teoria apreendida até o momento, possibilitando, assim, uma maior aprendizagem e desenvolvimento. Dessa forma, os relatos de experiência trazem diferentes pontos de vista, abordando pontos positivos, negativos, dificuldades, análises referentes à estrutura física e pedagógica da escola trabalhada e relatos das experiências dos alunos em sala de aula durante a vivência, com o intuito de mostrar a relevância desse componente pedagógico para suas formações enquanto professores.

PALAVRAS-CHAVE: Estágio supervisionado, Prática docente, Representações sociais.

INTRODUÇÃO

O entendimento e a execução da prática do estágio supervisionado é de fundamental importância no desenvolvimento do licenciando enquanto professor, uma



vez que possibilita ao licenciando um primeiro contato e visão da realidade que vão enfrentar futuramente, influenciando assim, de forma positiva, no seu desenvolvimento enquanto professor. Nessa perspectiva, o estágio é fruto de um repensar, pois se caracteriza como um processo dinâmico, tendo em vista que os momentos de reflexão gestados na Universidade serão alimentados por discussões que rememorem às dificuldades que possivelmente são encontradas na escola, na busca de práticas que sejam diferenciadas nas quais tragam na sua capacidade revides para estas demandas.

Este artigo traz uma abordagem reflexiva acerca das experiências de três alunos da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia campus da cidade de Vitória da Conquista, sobre a prática do estágio supervisionado no V semestre, realizado no Colégio Estadual Abdias Menezes, localizado na Cidade de Vitória da Conquista- BA.

Para o enriquecimento teórico-conceitual do artigo, referente a discussão da temática sobre o Estágio Supervisionado, utilizou-se como referência autores como: Barreiro (2006), Gebran (2006), Santos (2010), Bandeira (2006), Arruda (2002), Mendes (2004), Santos (2005), dentre outros que contribui para o entendimento da temática. Dessa forma, o trabalho, inicialmente, aborda essa questão teórica e posteriormente traz os relatos de experiências dos licenciandos, referente à atividade do estágio supervisionado.

A PRÁTICA DO ESTÁGIO SUPERVISIONADO NO V SEMESTRE E AS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS

O Estágio Supervisionado é um momento de fundamental importância no processo de formação profissional, pois se concretiza como um componente teórico e prático no qual permite ao licenciando a oportunidade de aprendizagem, haja vista que é neste momento que o discente correlaciona a teoria aprendida na academia com a prática sendo executada em sala de aula. Nessa perspectiva, o estágio é fruto de um repensar, pois se caracteriza como um processo dinâmico, tendo em vista que os momentos de reflexão gestados na Universidade serão alimentados por discussões que



rememorem às dificuldades que possivelmente são encontradas na escola, na busca de práticas que sejam diferenciadas nas quais tragam na sua capacidade revides para estas demandas.

A reflexão sobre o processo de formação docente é permeada pelas discussões referentes às práticas de ensino. Muito se tem discutido sobre essas questões e nessa perspectiva, Barreiro e Gebran (2006) apontam que a reflexão sobre essa questão é tarefa desafiadora, uma vez que muitos pesquisadores se debruçaram sobre a referida temática, com o objetivo de buscar caminhos facilitadores da prática docente que assegurem uma formação de qualidade aos professores.

É muito importante e necessário discutir também, a relevância da formação inicial e estágio supervisionado pautados na realidade. Nesse sentido, Barreiro e Gebran sinalizam:

Isso significa, pois, que a formação inicial e o estágio devem pautar-se pela investigação da realidade, por uma prática intencional, de modo que as ações sejam marcadas por processos reflexivos entre os professores-formadores e os futuros professores, ao examinarem, questionarem e avaliarem criticamente o seu fazer, o seu pensar e a sua prática (2006, p.21).

É nesse contexto de processo de formação docente, no qual o licenciando está inserido, que é preciso aguçar o seu olhar nas diversas concepções de ensino e aprendizagem. Assim, é de fundamental importância que o discente se torne um sujeito ativo nesta prática reflexiva, levando o aluno à essa busca intensa por novos conhecimentos. Dessa forma, para contribuir com esse argumento, Santos afirma:

O processo de formação do professor exige amplo olhar nas ações que o fundamentam, pois subjaz à formação docente concepções que demonstram a subjetividade no processo de ensino. Ora numa perspectiva denominada cognitivista e psicologizante, ressaltando as características cognitivistas do professor como eficiente, ora numa visão fenomenológica existencial: nesta óptica, o professor é o sujeito ativo de sua própria prática (2010, p.27).



Bandeira (2006) contribui para essa reflexão ao inferir que “[...] ao passo que a formação como processo de desenvolvimento e de estruturação da pessoa se realiza em decorrência de um processo de maturação interna e das possíveis experiências dos sujeitos” (p. 4-5).

Nessa perspectiva, convém relacionar que o estágio supervisionado torna-se uma atividade balizadora para o processo de formação docente, em que os alunos-professorandos têm a oportunidade de experienciar o cotidiano escolar, o que pode repercutir na prática do professor regente, delineando novas expectativas que possibilitem potencializar o conhecimento do contexto histórico, social, cultural e organizacional da prática docente.

Na atualidade, muito se tem discutido sobre a concepção de representação social, no âmbito das ciências em geral bem como na ciência geográfica. É um termo bastante familiar, no qual o mesmo surge com muita frequência em diversos trabalhos e em diversos campos, no entanto, muitos questionamentos ainda existem sobre o mesmo. Sobre essa questão, Arruda pontua que “nos últimos anos, o conceito de representação social tem aparecido com grande frequência em trabalhos de diversas áreas, o que leva muitas vezes à indagação sobre o que será, afinal, algo de que tanto se fala” (2002, p.128).

A referida autora enfatiza que em meados da década de 1960 constata-se o aumento da importância dos símbolos, sendo assim, cresceu também a preocupação para que tais indagações obtivessem possíveis respostas. Contudo, só nos anos 1980 que essas informações no que diz respeito às representações sociais e também da memória recebem uma maior atenção. Diversos autores começam a debater sobre esses conceitos. Nessa perspectiva, a autora sinaliza:

A partir dos anos 60, com o aumento do interesse pelos fenômenos do domínio do simbólico, vemos florescer a preocupação com explicações para eles, as quais recorrem às noções de consciência e de imaginário. As noções de representação e memória social também fazem parte dessas tentativas de explicação e irão receber mais atenção a partir dos



anos 80 Como vários outros conceitos que surgem numa área e ganham uma teoria em outra, embora oriundos da sociologia de Durkheim, é na psicologia social que a representação social ganha uma teorização, desenvolvida por Serge Moscovici e aprofundada por Denise Jodelet. Essa teorização passa a servir de ferramenta para outros campos, como a saúde, a educação, a didática, o meio ambiente, e faz escola, apresentando inclusive propostas teóricas diversificadas (ARRUDA, 2002, p.128).

Quando se fala em representações sociais geralmente se associa esse conceito ao senso comum, a esse conhecimento produzido pelo homem no cotidiano. No entanto, é sabido que representações sociais se caracterizam como uma categoria teórica de análise que busca a entender e/ou explicar essa construção desse conhecimento do senso comum. Corroborando essa ideia, Santos afirma:

Falar em representações sociais é remeter-se ao conhecimento produzido no senso comum. Porém, não a todo e qualquer conhecimento, mas a uma forma de conhecimento partilhado, articulado, que se constitui em uma teoria leiga a respeito de determinados objetos sociais. Por sua vez, falar na teoria das representações sociais é referir a um modelo teórico, um conhecimento científico que visa compreender e explicar a construção desse conhecimento leigo, dessas teorias do senso comum (2005, p.21).

Nessa perspectiva, o conceito de representação social está intimamente ligado a diversos grupos e conjuntos, e através do seu uso, com tantas características próprias é imprescindível, reconhecer que a representação é algo dinâmico e também social. Dessa maneira, Mendes sinaliza:

Quando pensamos no termo representação, imediatamente o vemos associado e mesclado a outras categorias e elementos como cultura, símbolos, mitos, crenças, valores, visão de mundo, etc. Essa característica faz com que a categoria representação seja extremamente dinâmica e relacional e, por isso mesmo, social (MENDES, 2004, p.73-74).



ISSN: 2175-5493

XI COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

14 a 16 de outubro de 2015

Torna-se importante salientar que esses pressupostos se apresentam como uma forma de explanar os aspectos simbólicos que são cotidianos na realidade dos sujeitos sociais. Vale ressaltar que as representações sociais estão relacionadas a símbolos e que a invenção de símbolos não é algo eventual. Sêga (2000) ao abordar esse aspecto enfatiza:

As representações sociais se apresentam como uma maneira de interpretar e pensar a realidade cotidiana, uma forma de conhecimento da atividade mental desenvolvida pelos indivíduos e pelo grupo para fixar suas posições em relação a situações, eventos, objetos e comunicações que lhes concernem. O social intervém de várias formas: pelo contexto concreto no qual se situam grupos e pessoas, pela comunicação que se estabelecem entre eles, pelo quadro de apreensão que fornece sua bagagem cultural, pelos códigos símbolos, valores e ideologias ligados às posições e vinculações sociais específicas (SÊGA, 2000, p.128).

Nesse sentido, a representação social é vivenciada cotidianamente e essa relação existente entre comunicação e linguagem é fundamental, uma vez que os elementos constituintes dessa integração se fazem presentes nesse conhecimento, o que os torna comuns. A esse respeito, Reis e Bertol ressaltam:

Pode-se afirmar que a representação social é parte do cotidiano e um produto da comunicação e da linguagem. Uma vez que se constitui uma organização de imagens e linguagem, a representação social realça e simboliza atos e situações cujo uso os torna comuns. São portanto, modalidades particulares do conhecimento, que têm por função a elaboração de comportamentos e a comunicação entre indivíduos (2012, p.13-14).

Desta maneira, Mendes e Almeida concluem:

No que concerne a configurações de representações, entretanto, nem todos pensam e agem da mesma maneira. Mesmo numa aparente homogeneidade, as resistências às representações dominantes se processam e, é na própria repetição das representações instauradas que,



muitas vezes, a representação cristalizada cede lugar às resistências e rupturas (MENDES e ALMEIDA, 2008, p.34).

Reis e Bertol (2012 p. 14) analisando a construção de uma representação afirmam que “Uma representação é construída em torno de objetos precisos, reais ou imaginários, sejam eles: ideias, teorias e acontecimentos”. As representações permeiam os discursos, são levadas pelas expressões, difundidas nas mensagens e também nas imagens, evidenciadas nos comportamentos e nas realidades espaciais.

Assim, ao analisar o espaço geográfico, verifica-se que para muitos geógrafos, este espaço é concebido como algo que se representa e possui diversos significados. Essa percepção se dá em razão da ampliação do leque de possibilidades de análise por parte dos geógrafos, uma vez que a mesma alvitra ao geógrafo uma compreensão sobre o espaço do qual o mesmo faz parte. Almeida *et. al.*, destacam:

O espaço geográfico, para certos geógrafos, é concebido como um espaço existencial e nele os territórios e lugares são entendidos como porções imbuídas de significados, de emoções e de sentimentos. Tal concepção remonta umas três décadas, quando aflorou uma perspectiva inovadora na geografia, que propõe ao geógrafo uma maior e melhor apreensão das relações que os homens mantêm com seu entorno, de como eles criam lugares, de como atribuem um significado ao espaço e dão um sentido de lugar a ele (ALMEIDA *et. al.*, 2011, p.2).

Com esse entendimento, torna-se imprescindível pensar a maneira que os geógrafos se utilizam para analisarem o espaço, pois essas premissas contribuem para a compreensão do que é associado para o mesmo por meio da sociedade. Nessa direção, Almeida *et al.* apresenta a seguinte contribuição:

A forma como os geógrafos convertem em discursos e imagens suas análises espaciais e das ações humanas corresponde à valoração de distintos pontos de vista, que são sempre restritivos, pois se referem a fenômenos vistos por um ângulo determinado. Ela é, pois, uma representação dos geógrafos (ALMEIDA *et al.*, 2008, p.315)



As representações sociais permeiam o cotidiano da sociedade, e é importante salientar que os fenômenos de representação social estão presentes na cultura, nas instituições, nas práticas sociais e, por conseguinte também no âmbito escolar, na qual essas representações podem influenciar o comportamento desses sujeitos sociais no espaço e também no tempo. Conforme Jodelet,

Sempre necessitamos saber o que temos a ver com o mundo que nos cerca. É necessário ajustar-se, conduzir-se, localizar-se física ou intelectualmente, identificar e resolver problemas que ele põe. Eis porquê construímos representações. E, da mesma forma que, ante as coisas, pessoas, eventos ou ideias, não somos equipados apenas com automatismos, igualmente não somos isolados em um vazio social: compartilhamos o mundo com outros, neles nos apoiamos — às vezes convergindo; outras, divergindo — para o compreender, o gerenciar ou o afrontar. Por isso as representações são sociais e são tão importantes na vida cotidiana (JODELET, 1989, p.1).

Assim, na perspectiva de se entender as representações sociais hoje, é evidente como esta relação de interpretação do ser social com essas representações se dão de forma organizada e significativa através dos símbolos e das comunicações sociais. Essa construção dos processos se dão à medida que o conhecimento se difunde, haja vista que a partir das representações os sujeitos se constroem, se transformam e se identificam na sociedade. Jodelet, em suas contribuições pontua:

Reconhece-se, geralmente, que as representações sociais, como sistemas de interpretação, que regem nossa relação com o mundo e com os outros, orientando e organizando as condutas e as comunicações sociais. Igualmente intervêm em processos tão variados quanto a difusão e a assimilação dos conhecimentos, no desenvolvimento individual e coletivo, na definição das identidades pessoais e sociais, na expressão dos grupos e nas transformações sociais (JODELET, 1989, p.5).

A partir das leituras, e da compreensão no que diz respeito às representações sociais é inevitável ressaltar que, o indivíduo se reconhece e cria laços que são muitos significativos para o seu entendimento como ser social. Essas concepções de



representações sociais se confirmam pelos sujeitos que evidenciam essas representações como sendo algo muito importante para o meio no qual estes indivíduos estão inseridos, ou então, essas significações que foram vivenciadas pelos mesmos no passado, ainda permanecem em suas memórias, servindo de inúmeras e importantes lembranças.

RELATOS DE EXPERIÊNCIA INDIVIDUAL

Por Acssuel de Sousa Lisboa ...

Na observação, durante o período do estagio supervisionado no Colégio Estadual Abdias Meneses, na turma da 6ª serie F, foi observado diversas variáveis com relação a escola, aos profissionais e respectivamente ao processo de ensino e aprendizado, principalmente variáveis que contribui para o não desenvolvimento (déficit) desse processo ensino e aprendizado. A escola possui uma estrutura que precisa ser melhorada, uma vez que funciona como núcleo de inclusão onde recebe estudantes com deficiências, falta de equipamentos específicos e básicos como carteiras. Mas o que mais chamou atenção foi o mal comportamento dos alunos, a falta de respeito com os professores em sala de aula, todos os dias de observação notei que a maioria da turma é bem inquieta e descompromissada. Ainda o trabalho do professor que, em minha opinião, é realizada de forma fraca e estagnada, nos três dias de observação foi realizado somente atividades, sem nenhuma aula expositiva e participada, e dessa forma os alunos se acostumaram com isso, apresentando resistência e mal comportamento quando é proposto exposição de aulas participativas. Assim é perceptível uma certa falta de desejo de mudança, de incentivar os alunos a despertarem curiosidade sobre os assuntos dados, a falta de método de ensino, de planejamento, de explicação e de incentivo à participação.



Compreendendo a importância do preparo do docente e do processo de ensino e aprendizado, percebi que muita coisa deve ser mudada na escola para que ela comece alcançar um desenvolvimento com relação à educação. Mas, além de tudo, a experiência do estagio supervisionado foi e é, muito importante para o desenvolvimento do licenciando, uma vez que possibilita colocar em pratica toda teoria adquirida e, perceber a realidade que será enfrentada depois de sua formação.

Desse modo, além de tudo, me dediquei muito, pois tal momento deve ser encarado com muita responsabilidade e , uma vez que estamos em um processo onde nosso dever é ajudar o individuo (aluno) a construir o seu conhecimento e se construir enquanto cidadão. Essa experiência foi muito gratificante pra mim, claro que sempre precisamos melhorar, mas por ser uma primeira experiência em sala de aula, me saí muito bem, até mesmo pela dedicação e qualidade dos professores da disciplinas que sempre nos incentiva à sempre buscar mais e planejar.

POR NÁDIA DE SOUSA SILVA...

O Estágio Supervisionado foi pra mim um momento muito especial e significativo, apesar de ter tido a experiência do estágio na época do magistério. No entanto, esse momento foi ímpar e único, sendo assim me considero apto para lecionar.

A regência é um dos momentos mais importantes para nós estagiários, pois é durante este período em que assumirmos a sala de aula e vivenciamos esse contato direto com os alunos. Durante o estágio dei o máximo de mim para que cumprir o meu papel de professora-estagiária naquela turma, ministrando os conteúdos com muito planejamento anteriormente; tentando contribuir assim para o aprendizado e aprendendo muito com eles também, pois o professor é apenas o mediador do conhecimento.

Na explicitação dos assuntos abordados em me senti bastante realizada, pois a participação dos alunos foi considerável e ao relatarem que estavam aprendendo e



compreendendo o assunto, eu pude notar que o processo de ensino e aprendizagem estava se dando, principalmente quando os estudantes daquela sala expressavam que estavam aprendendo, era algo prazeroso, pois de alguma forma eu contribui para que aqueles estudantes absorvessem os conteúdos ali trabalhados. Nessa experiência eu pude perceber por intermédio dessa convivência diária, mesmo em um curto período de tempo de apenas duas semanas a importância da relação professor e aluno. Foi um momento de muito aprendizado e de suma importância para o meu amadurecimento pessoal e profissional, pois é por meio dessas vivências adquiridas que se dá o conhecimento mútuo.

Neste período vivenciamos algumas situações no âmbito e gostaria de destacar um aspecto que me chamou bastante atenção e que considere um ponto negativo, a conversa paralela da turma e a falta de compromisso por parte de uma minoria, talvez por serem muitos novos com idade entre 10 e 13 mais ou menos e talvez por estarem no ginásio, pois ainda são alunos imaturos que cursam ainda a 5ª série (6ºano). Dentre os aspectos enfatizo a recepção por parte da diretora da escola, pela professora responsável pela turma e também por parte dos discentes. Vale salientar que consegui trabalhar os conteúdos planejados, a turma participando em diversos momentos e isso me trouxe uma sensação de alegria e de muita motivação, pois é muito gratificante olhar e ver que realmente os alunos aprenderam o conteúdo.

Busquei desempenhar um trabalho com muita responsabilidade e seriedade, pois ao concluir o estágio senti a sensação de dever cumprido. Enfim, preciso melhorar muito, mesmo sabendo que todas as aulas foram muito bem planejadas e estruturadas, estudando bastante o conteúdo, mas cada aula dada preciso superar e muito, pois se eu me acomodar achando que a aula está ótima irei apenas repetir continuamente. Contudo reconhecendo que é necessário que a cada aula eu possa e preciso melhorar, irei em busca de inovações e aperfeiçoamentos nessa luta constante pela melhoria da qualidade do ensino e aprendizagem.

**POR VAGNER ALVES DA SILVA ...**

A experiência durante a regência no estágio é bastante gratificante, pois se trata da primeira experiência enquanto docente. A turma, apesar dos problemas em relação à disciplina, surpreendeu por conta da maneira como se relacionou com os estagiários. Mesmo com a indisciplina por parte dos alunos, conseguiu-se fazer com que os alunos prestassem atenção na aula e participassem no desenvolver do conteúdo trabalhado. Uma dificuldade desse período foi a metodologia empregada nas aulas, já que os alunos estavam acostumados a uma metodologia diferente da trabalhada nessa ocasião, eles tinham uma dificuldade em entender a forma como as aulas foram ministradas, e sempre esperavam uma atividade.

Os recursos foram fundamentais para o bom desenvolvimento da aula. Utilizou-se bastante do livro didático, pois é uma ferramenta muito útil para as aulas, tanto expositivas, quanto de leitura dinâmica. Outro recurso que prazeroso ao se trabalhar foi com o mapa. A utilização desse meio cartográfico foi interessante, pois percebeu-se como os alunos tem dificuldade em identificar alguns conteúdos, que puderam ser melhor explicados com o auxílio do mapa, trazendo uma melhor compreensão e instigando o senso de localização dos estudantes.

A postura enquanto professor foi importante para se trabalhar com essa turma. Optou-se por uma postura que não foi rígida e nem rigorosa. Durante a observação, teve-se a impressão de que uma prática mais rígida não funcionaria muito bem, assim como aparentemente não funcionou com a professora regente. Então, pensou-se em manter uma prática mais livre, entrosando-se mais com os alunos, embora mantendo uma postura firme durante o conteúdo. Acredita-se que o fato dos estagiários serem jovens, tenha facilitado o entrosamento com os alunos.

Embora o conteúdo tenha sido aplicado e os alunos demonstraram um bom desenvolvimento do conteúdo durante a aula, os resultados das provas não foram satisfatório, tendo em vista o baixo grau de dificuldade da avaliação e o domínio parcial



do conteúdo por parte dos alunos. Mesmo assim, esse resultado não foi tão surpreendente, baseado nas dificuldades percebidas durante o período de observação. Entretanto, foi uma experiência extremamente válida. Os estagiários puderam ver na prática como é a vida docente, consumando a ideia de seguir a carreira docente. Percebeu-se que o caminho é longo, porém, gratificante, o que fez com que não houvessem arrependimentos após o estágio.

CONCLUSÕES

O Estágio Supervisionado é muito importante na formação docente, no qual se concretiza como um componente teórico e prático no qual permite ao licenciando a oportunidade de aprendizagem, haja vista que é neste momento que o discente correlaciona a teoria aprendida na academia com a prática sendo executada em sala de aula. “Não é só frequentando um curso de graduação que um indivíduo se torna profissional. É, sobretudo, comprometendo-se profundamente como construtor de uma práxis que o profissional se forma” (FÁVERO, 1992, p.65).

Esse momento pode despertar no licenciando, a partir da experiência e percepção das diversas situações em sala de aula, novos interesses e várias estratégias para enfrentar os problemas existentes, e assim ir se desenvolvendo enquanto docente. A supervisão do estágio, de fato, possibilita ainda mais, o desenvolvimento do acadêmico, de forma que funciona como treinamento e com a ajuda dos docentes supervisores, os erros e falhas que podem ser causados não só pelo despreparo, mas também pela falta de experiência.

Portanto, os relatos de experiência faz com que descrevamos nossas práticas e nossas percepções sobre elas, facilitando a reflexão acerca da realidade enfrentada em sala de aula, possibilitando assim um maior preparo para encarar o desafio da docência.



REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, M. G.; VARGAS, M. A. M.; MENDES, G. F. **Territórios, paisagens e representações**: Um diálogo em construção. Mercator, Fortaleza, v. 10, n. 22, p.23-35, mai./ago. 2011.
- ALMEIDA, M. G. **Territorialidades, representações do mundo vivido e modos de significar o mundo**: uma leitura etnogeográfica do Brasil sertanejo. Salvador, EDUFBA, 2008.
- ARRUDA, A. Teoria das representações sociais e teorias de gênero. In: **Cadernos de Pesquisa**, n. 117, p. 127-147, novembro/2002. <<http://www.scielo.br/pdf//n117/15555.pdf>>. Acesso em: 11 de nov. de 2014.
- BANDEIRA, H. M. M. **Formação de Professores e Prática Reflexiva**. Disponível em: <http://www.ufpi.br/subsiteFiles/ppged/arquivos/files/eventos/2006.gt1/GT1_13_20_06.PDF>. Acesso em: 16 de jul. de 2014.
- BARREIRO, I. M. F; GEBRAN, R. E. **Prática de ensino e estágio supervisionado na formação de professores**. São Paulo: Avercamp, 2006.
- JODELET, D. Représentations sociales: un domaine en expansion. In: Jodelet, D. (Ed.). **Les représentations sociales**. Paris: PUF, 1989, pp. 31-61.. UFRJ- Faculdade de Educação, dez. 1993. Tradução: Tarso Bonilha Mazzotti. Revisão Técnica: Alda Judith Alves-Mazzotti Disponível em: <<http://portaladm.estacio.br/media/3432753/jodelet-drs-um-dominio-em-expansao.pdf>>. Acesso em: 25 de mar. de 2015.
- MENDES, G. F. **Luzes do Saber aos sertões**: memória e representações da Escola Normal de Vitória da Conquista. Vitória da Conquista: Edições UESB, 2004.
- MENDES, G. F; ALMEIDA, M. G. Memória, símbolos e representações na configuração Socioespacial do sertão da ressaca – Bahia. **Mercator- Revista de Geografia da UFC**, ano 07, número 13, 2008.
- REIS, N. B.; BERTOL, L. R. (Orgs.). **As representações na Geografia**. Ilhéus, BA: Editus, 2012. Disponível em: <http://www.uesc.br/editora/sumarios/sumario_as%20representacoes_geografia.pdf> Acesso em: 24 de mar. de 2015.
- SANTOS, M. F. S. ALMEIDA, L. M. Teoria das representações sociais. In: **Diálogos com a teoria da representação social**. Recife, Editora, Universitária UFPE, 2005.
- SANTOS, M. S. G. **Saberes da prática na docência do ensino superior**: análise de sua produção nos cursos de licenciaturas da UEMA. 2010. Dissertação (Mestrado em Educação), Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2010. Disponível em: <http://www.ufpi.br/subsiteFiles/ppged/arquivos/files/dissertacao/2010/disserta_M_ariangeal_Santana.pdf> Acesso em 27 de mar. de 2015.
- SÊGA, R. A. **O conceito de representação social nas obras de Denise Jodelet e Serge Moscovici**. Anos 90, Porto Alegre, n.13, julho de 2000. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/ppghist/anos90/13/13art8.pdf>>. Acesso em: 27 de mar. de 2015.